

RBD, SEXUALIDADE PRECOCE E ÁLBUM DE FIGURINHAS

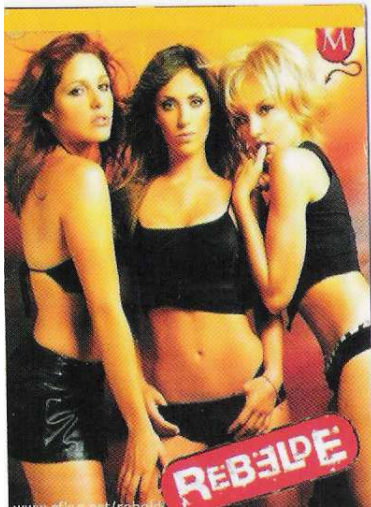
*Leoberto Brancher,
Juiz da Infância e da Juventude
em Porto Alegre.*

Nunca pensei que seria moralista um dia, mesmo porque isso pareceria um vício desastroso para qualquer da minha geração. Tudo bem, também nunca pensei que viria a ser juiz da infância um dia. Mas hoje sou. Juiz da infância, e pai, e começo essas linhas pisando em ovos pelo receio de parecer anacrônico. Como todos, sinto-me mesmo é confuso.

Minha filha vai completar dois anos e seis meses dia três de outubro, mesmo dia do show, em Porto Alegre, do grupo musical integrado por adolescentes mexicanos "RBD" ou "Rebelde", celebrizado em novela vespertina do SBT. Sem entender bem o que diz, minha filha às vezes repete o bordão "sou rebelde" ouvido das primas. A prima que completou cinco anos há pouco, fez a festa inspirada nos RBD. Na festa da que completou nove, semana passada, um momento marcante foi o dos clipes do grupo exibidos no telão. Crianças, crianças e pré-adolescentes se esfusiavam dançando em frente ao show. Aliás, no meu próprio almoço do dia dos pais fui contemplado com uma exibição do clipe acompanhada de um showzinho das crianças imitando os rebeldes. Lá em casa.



Pessoalmente, também não pude resistir às fotos das meninas do grupo que virá eletrizar Porto Alegre nos próximos dias. Me foram passadas pela mãe de um menino que ainda não completou três anos. São figurinhas dessas compradas em bancas por 25 centavos, vendidas à base de três em cada envelope, para as crianças montarem seus álbuns. Como um álbum, essa minha mensagem não se completa sem colar essas figurinhas. Olhando-as, penso que valem mais do que mil palavras, e chego a pensar que bastaria mostrá-las, e não precisaria escrever mais nada.



Mas então me pergunto, diante da explosão febril com o sucesso do grupo, das vitrinas lotadas de suas etampas, dos ingressos esgotados para o show: será que o que estou vendo aí não estamos vendo nós? Não estamos vendo nós, os pais? Não estamos vendo nós, os adultos? Nós, autoridades? Onde está nossa voz? E a voz da lei, da palavra que delimita o entretenimento do gozo forçado, precoce e alucinatório?

Precisamos falar, digo eu. O que vejo nessas figurinhas são meninas prostituídas, em poses pornográficas, possivelmente vítimas bem pagas pelos mesmos gigolôs digitais que assediam nossas crianças na sala de casa e que nesse momento as estarão fazendo trocar seus vestidos de cinderelas por modelitos de sex shop.



Não, porque não são apenas adolescentes, mas crianças desde os cinco anos, e toda sorte de meninas e meninos ainda impúberes os que mais se fascinam e mais se consomem, como mariposas, diante dos flashes desses rebeldes de plástico, forjados nas planilhas do marketing e tão descartáveis como acabarão nossos filhos depois de consumidos por mais esta moda.

De fato, temos vivido tempos de degenerescência. A tal ponto que nem mais as palavras, nem mais imagens têm o poder de nos despertar para

o significado das coisas. Vivemos tempos em que as palavras, as imagens, os fatos, como também as leis e as almas, se manipulam e se esgotam umas nas outras, em seu significado fátuo e superficial. Meio parecido com a política. Como o rei, a moça está se oferecendo, numa pose quase nua. Trocando figurinhas ou passando na TV lá em casa, enquanto nossos filhos deliram. Enfim... quantos deles, acompanhados dos pais, não estarão lotando o Gigantinho no próximo dia três de outubro?

Porto Alegre, 20.09.06